

LITERATURA, GÊNERO E RAÇA: ESCRITORAS NEGRAS NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO

Bruno Duarte Nascimentoⁱ

Resumo

Proponho com este trabalho discutir a inserção de mulheres negras no espaço de produção da literatura brasileira contemporânea. Para tanto, selecionei as trajetórias (sociais e literárias) e os textos de ficção de Ana Maria Gonçalves (1979/MG), Conceição Evaristo (1946/MG) e Geni Guimarães (1947/SP). Considerei o estudo desses itinerários pertinentes pela carreira relativamente consolidada, ainda que em uma posição marginal no campo literário, com a legitimidade questionada. A questão central é: como tem sido possível a inserção e a construção da presença de escritoras negras em um espaço marcadamente androcêntrico e de uma homogeneidade racial branca? A mobilização das noções de gênero e de raça combinadas com a de campo permite-me situar adequadamente as posições das escritoras negras em relação aos outros agentes sociais desse espaço de produção da cultura. O objetivo é lançar luzes sobre os trunfos e as estratégias que dinamizam as lutas literárias por poder, distinção e prestígio social. Compreender a concorrência por espaço e legitimidade.

Palavras-chave: Campo Literário, Gênero, Raça.

LITERATURE, GENDER AND RACE: BLACK WRITERS IN THE BRAZILIAN LITERARY FIELD

Abstract

This work intends to discuss the insertion of black female in the production's space of contemporary brazilian literature. For that, the trajectories (social and literary) and the fictional texts of Ana Maria Gonçalves (1979/MG), Conceição Evaristo (1946/MG) and Geni Guimarães (1947/SP) were selected. The study of this itinerary was considered pertinent because of the relatively consoled career, albeit in a marginal position in the literature field, with the questioned legitimacy. The main issue is: how have been possible the insertion and construction of the black female writers' presence in a markedly androcentric space and with a white race homogeneity? The mobilization of the notions of gender and race combined with that of field allowed to adequately situate the positions of black female writers in relation to the other social agents of this space of production of culture. The aim is to shed light on the trumps and strategies that dynamize literary struggles for power, distinction and social prestige. To understand competition for space and legitimacy.

Keywords: Literature Field, Gender, Race.

1 – Introdução

De início, julgo importante explicitar duas coisas. Primeiro, este trabalho é fruto do meu projeto de dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Portanto, a minha perspectiva de análise da literatura é a

ⁱ Estudante do curso de mestrado em sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: brunoduartenascimento@gmail.com

sociológica.

Segundo, a minha posição nesta situação de fala. Sou um homem negro que trabalha com as trajetórias e os textos literários de mulheres negras brasileiras. Meu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) impõe limites, abre possibilidades e coloca desafios a mim enquanto pesquisador. Não tenho a intenção de compreender e narrar experiências que não são minhas como se fossem. Muito menos, almejo “dar voz” às minhas interlocutoras. Definitivamente, não se trata disso. Parto da premissa de que uma pesquisa pode ser realizada a partir e por meio das diferenças sociais e culturais. Busco a partir de reflexões teóricas e metodológicas das Ciências Sociais transformar o meu encontro com as escritoras negras e suas narrativas em um conhecimento da esfera do mundo social da qual elas fazem parte e ajudam a construir, isto é, o campo literário brasileiro contemporâneo.

Isso posto, a discussão central desta pesquisa é a inserção de escritoras negras no campo literário. De acordo com Bourdieu (1996), o campo é um espaço social de relações objetivas e interdependentes no qual os agentes sociais envolvidos com a produção, a circulação e o consumo dos textos de ficção ocupam posições. Em suma, é nesse espaço onde todos os que têm ligação com a literatura e que, vivendo para a literatura, se opõem em lutas de concorrência pela definição do sentido e do valor da obra literária e, em consequência, pela conformação do mundo literário e dos agentes que o constitui (BOURDIEU, 1996).

2 – Desenvolvimento

2.1 – A problemática das ausências e o reconhecimento das presenças

O campo literário brasileiro atual tem uma compleição muito particular e pouco questionada. Regina Dalcastagnè (2005) mostrou que a personagem delineada pela escrita literária brasileira contemporânea tem feições muito específicas¹. A maioria das personagens é do gênero masculino, ou seja, 62,1% do *corpus* estudado. Outro aspecto relevante é a cor da personagem¹. As personagens brancas constituem ao todo 79,8%, enquanto que as negras perfazem o total de 7,9 %. Isto é, a recorrência de personagens brancas nos romances é mais de dez vezes maior do que a de negras! Do total de 165 autores publicados pelas grandes casas editoriais do país, 120, ou seja, 72,7% são homens. Além disso, 93,9% desses escritores e escritoras são brancos/brancas. Constatase, assim, uma prerrogativa de gênero e uma homogeneidade racial dentro desse espaço. O problema não é a presença de autores homens e brancos. Mas, o fato de eles ocuparem um espaço

¹ Trata-se do estudo *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004*. O *corpus* da pesquisa foi constituído de 258 obras e 165 autores, publicados pelas três principais editoras do mercado nacional no período de 1990 – 2004, a saber: Companhia das Letras, Editora Record e Editora Rocco (DALCASTGNÈ, 2005)

¹ “Cor da personagem” é uma categoria utilizada por Dalcastagnè (2005) em sua pesquisa. A autora se refere às diferenças entre brancos e não brancos. Ela engloba também a noção de “etnia”, quando contempla, por exemplo, os grupos indígenas em sua análise.

majoritário no campo e também os lugares privilegiados de fala na narrativaⁱ.

Em consequência, a ficção nacional padece de um estreitamento das “perspectivas sociais” por ela tematizada (DALCASTAGNÈ, 2005). As personagens e os narradores são predominantemente masculinos e brancos. Afinal, que experiência social é esta que tem sido expressa e legitimada pela narrativa nacional contemporânea que exclui vivências, como as dos sujeitos negros/negras e as das mulheres? Se a literatura nacional por muito tempo tem se destacado, dentre muitas coisas, pela sua capacidade de ler e interpretar a nação, é possível considerar que a redução de vozes sociais plurais na ficção tem produzido uma visão distorcida de um povo, de suas características e de sua história. A respeito disso, vale lembrar o que disse Conceição Evaristo: “Se não lemos todos os passos criativos da nação, estamos lendo uma nação em pedaços, estamos lendo uma nação incompleta” (LISBOA, 2016). O problema não é o de uma perspectiva masculina e branca, mas o monopólio que ela tem detido ao se colocar como o ponto de vista majoritário sob o qual se tem narrado a nação. Questiona-se a ausência e, ao mesmo tempo, deseja-se a presença destes “outros pedaços” que também compõem a pluralidade da experiência social brasileira.

Tal qual o quadro de autores, obras e personagens, o dos espaços de acesso ao público leitorⁱ à literatura feminina negra revela uma estrutura desigual. A consulta ao acervo das bibliotecas locais e nacionais, principalmente, as das universidades públicas federais, constatou o seguinte: dois dos acervos não contam com nenhum texto de ficção de autoria feminina negra brasileira

ⁱ O cruzamento da categoria cor com a da posição das personagens na trama constatou que os lugares ocupados pelos negros como protagonistas e narradores são, respectivamente, 5,8% e 2,7% dos espaços de fala. Em posições secundárias, como na de coadjuvante, ocupam 8,7%. Se esses lugares são contrastados com os ocupados por brancos, as assimetrias são sintomáticas. As personagens brancas ocupam como protagonistas e narradoras, respectivamente, 84,5% e 86,9% dos lugares. E, ainda que numa posição secundária, ocupam 77,9% dos espaços. De acordo com Dalcastagnè (2005): “[...] os brancos não apenas compõem a ampla maioria das personagens identificadas no corpus; eles quase monopolizam as posições de maior visibilidade e de voz própria. A pequena presença de negros e negras entre as personagens sugere uma ausência temática na narrativa brasileira contemporânea” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 46).

ⁱ A busca pelas ficções de autoria feminina negra brasileira nos espaços supracitados ocorreu por meio dos nomes das autoras e através dos termos: “escritora negra”, “escritoras negras”, “mulher negra”, “mulheres negras”, “autora negra”, “autoras negras”, “literatura feminina brasileira”, “autoria feminina negra brasileira” e pelos nomes das escritoras. Acessei e consultei os acervos disponíveis *online* das seguintes livrarias, bibliotecas e sebos: I) *Livraria Cultura*. Disponível em: <<https://goo.gl/koKoNa>> ; *Livraria Saraiva*. Disponível em: <<https://goo.gl/p5zh12>>. II) *Sebos online: Amazon*. Disponível em: <<https://goo.gl/oBAVKi>>. *Estante virtual*. Disponível em: <<https://goo.gl/QsHDvK>>; *Sebos online*. Disponível em: <<https://goo.gl/qtPfcI>>; *Livros difíceis*. Disponível em: <<https://goo.gl/vg2eTa>>; *Livronauta*. Disponível em: <<https://goo.gl/sWxwxD>>; *Super acervo*. Disponível em: <<https://goo.gl/vChYTF>>. III) Bibliotecas: Catálogo *online* do sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Disponível em: <<https://goo.gl/QLwqzk>>; Catálogo *online* do sistema da biblioteca Municipal Dolor Barreira. Disponível em: <<http://biblioteca.link/biblivre5/dolorbarreira/>>; Acervo *online* do sistema de bibliotecas da Universidade Nacional de Brasília (UNB). Disponível em: <<https://goo.gl/yT8C7m>>; [Biblioteca Octávio Ianni] Catálogo *online* do Sistema de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em: <<https://goo.gl/KtWEYZ>> ; Acervo *online* da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://goo.gl/6tXdzP>> ; Acervo *online* do Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<https://goo.gl/YUUehm>>; Acervo *online* do Sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <<https://goo.gl/AvG9zR>> ; Catálogo *online* do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <<https://goo.gl/8W9N8B>>.

contemporânea. Nos outros cinco, há uma presença escassa dessas produções. A análise dos catálogos dos sebos *online* revelou duas situações: a primeira foi a de uma ausência total de escritoras negras em dois dos acervos consultados e, a segunda, a de uma presença escassa nos outros quatro. De modo semelhante, o exame dos catálogos das livrarias revelou uma presença parca de autoras negras. Os nomes de algumas delas sequer constaram na listagem, o que aponta uma exiguidade de escritoras e de seus textos nesses espaços. Logo, caso deseje, o público leitor está impossibilitado de acessar, tomar de empréstimo ou adquirir via transação comercial esse tipo específico de produção literária.

Se passamos em revista os espaços com poder de consagração literária, como as agremiações e os festivais literários nacionais, veremos uma parca presença de escritoras negras. Constatei apenas uma presença negra no total de 40 vagas ocupadas atualmente na Academia Brasileira de Letras (ABL). Ressalto: uma presença masculina. A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) tem o histórico de lacunas de escritores/escritoras negros/negras em sua programação¹. Em 2016 essa falta foi acentuada, motivando contestações. Uma delas foi de caráter coletivo. Uma carta aberta endereçada à curadoria da flip foi redigida a partir de um encontro entre escritoras e intelectuais negras (XAVIER, 2016). Nela, há uma crítica ao processo de exclusão de suas trajetórias e textos do evento¹.

Tendo isso em vista, a questão central deste estudo é: como tem sido possível a inserção e a construção da presença de escritoras negras em um espaço marcadamente androcêntrico e de uma homogeneidade racial branca? Com o objetivo de responder a essa pergunta, selecionei as trajetórias sociais e literárias e os textos de ficção de Ana Maria Gonçalves (1979/MG), Conceição Evaristo (1946/MG) e Geni Guimarães (1947/SP). Considerei o estudo desses itinerários pertinentes pela carreira relativamente consolidada, ainda que em uma posição marginal no campo literário, com a legitimidade questionada.

2.2 – Mapeando o campo e os seus agentes a partir das escritoras negras

Estou a mapear o campo literário brasileiro contemporâneo, a fim de situar de forma adequada as posições das escritoras negras em relação aos/às seus/suas pares escritores/escritoras e aos/aos outros/outras agentes sociais que constituem esse espaço. Tenho coligido informações sobre a literatura feminina negra brasileira por meio do acesso a três bases de dados, a saber: o portal Literafro (UFMG), o Catálogo Intelectuais Negras Visíveis (UFRJ) e a Plataforma *online* Escritoras

¹ Os dados levantados são da ONG *Gênero e Número* por ocasião da FLIP 2017 (MAZOTTE, 2017). O *link* para os dados tabulados com o nome dos autores e autoras, o gênero e a raça de cada um deles por edição da FLIP é: <<https://goo.gl/NNcpAv>> Acesso em 08 ago. 2017.

¹ Realizei *clipping* de matérias a fim de acompanhar a discussão que se estendeu de maio a julho de 2016, ou seja, antes, durante e depois da FLIP daquele ano.

Negras da Bahia. Por ora, é possível constatar:

- I. O total de escritoras negras brasileiras catalogadas nessas três bases de dados é de 87. A escolha delas para integrar ou não o *corpus* da pesquisa foi orientada pela questão da central do estudo. Utilizei dois critérios: a) Estar viva; b) Autodeclarar-se escritora e/ou ter ao menos um texto publicado. Assim, o total de escritoras negras em atividade no Brasil é de 69.
- II. Cruzando as datas de nascimento com as de publicação dos textos dessas mulheres, é possível situar o grupo no tempo. Assim, temos três gerações de escritoras desde o século XIX até os dias atuais: a) Entresséculos XIX/XX: Maria Firmina dos Reis (São Luís, MA, 1822 – Guimarães, MA, 1917). Estreia literária: *Úrsula*, 1859, romance; b) Século XX: Antonieta de Barros (Florianópolis, 1901 – 1952). Estreia literária: *Farrapos de ideias*, 1937, crônicas; Ruth Guimarães (Cachoeira Paulista, SP, 1920 – 2014). Estreia literária: *Água funda*, 1946, romance; Carolina Maria de Jesus (Sacramento, MG, 1914 – São Paulo, 1977). Estreia literária: *Quarto de despejo*, 1960, memória; Anajá Caetano (São Sebastião do Paraíso, sul de Minas Gerais. Demais dados biográficos não disponíveis). Estreia literária: *Negra Efigênia, paixão pelo senhor branco*, 1966, romance; c) Entresséculos XX/XXI: 69 escritoras, dentre elas, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. O que é possível constatar desse grupo atual é que ele começou a esboçar seus escritos no ano de 1978. Trata-se das três primeiras escritoras vivas do grupo contemporâneo a publicar um texto. São elas: Aline França (*Negão Dony*, novela), *Fátima Trinchão* (*Contemplação de uma vida*, poema) e Lourdes Teodoro (*Água marinha*, ou o tempo sem palavra, poesia);

Chama atenção os hiatos entre as gerações. Da primeira para a segunda é de 78 anos. Da segunda para a atual é de 12 anos. Desde então, elas têm publicado sucessivamente os seus textos. Umhas mais outras menos.

3 – Considerações Finais

Um caso de êxito é o de Conceição Evaristo. Sua estreia na literatura foi em 1990 por meio da coletânea *Cadernos Negros* nº 13, organizada pelo Grupo Quilombhoje. Tenho coletado e analisado um material de caráter biográfico da escritora, a saber: duas entrevistas, um *clipping* de matérias jornalísticas e acompanhado suas páginas nas redes sociais. A partir disso, é possível constatar algumas das condições sociais que tornaram possível a sua escolha pela carreira literária. Destaco: I) A inserção desde cedo em um núcleo familiar que privilegiava a prática de contação de histórias marcada pela oralidade; II) O estímulo materno ao acesso de uma formação escolar.

Incentivo imprescindível para a aquisição da prática de leitura e da escrita; III) O deslocamento de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro. Lá, ela teve condições de entrar em contato com o movimento negro local e também do estado de São Paulo. Uma das principais ações culturais deste último foi a criação, edição, publicação dos *Cadernos Negros* que, ano passado, 2018, completou quarenta anos de existência.

Evaristo possui quarenta textos publicados. Dentre os quais, seis são publicações individuais. São elas: *Ponciá Vicêncio* (romance), *Becos da Memória* (romance), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (conto), *Olhos d'água* (conto), *Histórias de leves enganos e parecidozas* (conto e novela), *Poemas de recordação e outros movimentos* (poesia). Há também uma vasta obra publicada por meio de antologias e coletâneas literárias. Ao todo são trinta e quatro textos. Chama atenção a quantidade de textos publicados em coletâneas de língua estrangeira. São oito publicados em língua inglesa, um em língua alemã e um em língua francesa. Esse total perfaz 25% da obra total da escritora, isto é, dez de seus textos estão disponíveis em outras línguas.

Há também traduções para línguas estrangeiras. Três romances e um livro de contos tiveram edições no exterior: *Ponciá vicêncio* (inglês), *L'histoire de Ponciá* (francês), *Banzo, mémoires de la favela* (francês) e *Insoumises* (francês). Os dados sobre as publicações no exterior e as traduções literárias de Evaristo dão sinais da circulação de suas produções nos mercados editoriais nacionais e estrangeiros.

O reconhecimento da escritora por meio das premiações literárias veio em 2015, com o prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas. Posteriormente, temos: prêmio Faz diferença (2017), prêmio Cláudia (2017), prêmio do Governo de Minas Gerais de Literatura (2017) e o prêmio Bravo! (2018). Os itinerários de Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Geni Guimarães precisariam ser iluminados à luz da rede de relações objetivas entre posições do campo literário, a fim de situar e compreender as suas posições, tomadas de posição e deslocamentos dentro desse espaço social. Principalmente, para o entendimento de como as suas escolhas e as injunções do campo reverberam em suas predileções estéticas e temáticas.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, p. 13-71. 2005. Disponível em: < <https://goo.gl/qZDXdN> >. Acesso em: 31 Ago. 2015.
- CONCEIÇÃO Evaristo – dados biográficos. **Literafro, Minas Gerais, Maio de 2009**. Disponível em: < <https://goo.gl/QYw6kp> >. Acesso em: 6 Ago. 2017.
- LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) –

Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LISBOA, Vinícius. **‘Estamos lendo uma nação incompleta’, diz autora sobre falta de negros na Flip.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 4 de Julho de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/CbFQmK>> Acesso em: 6 Ago. 2017.

MAZOTTE, Natália. **Em 15 anos, palcos da Flip receberam apenas 25% de mulheres autoras.** Gênero e Número, Rio de Janeiro, 27 de Julho de 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/BybPWy>>. Acesso em: 3 Ago. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

XAVIER, Giovana. **Carta aberta à Festa Literária Internacional de Parati – Cadê as nossas escritoras negras na FLIP 2016?** Geledés, São Paulo, 29 de Junho de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/yedzHn>>. Acesso em: 9 Ago. 2017.